

O DESIGN DE MOBILIÁRIO BRASILEIRO DESENVOLVIDO DURANTE O PERÍODO DA DITADURA MILITAR

Juliana Nunes Xavier (IC) e Prof^a. Dr^a. Nara Silvia Marcondes Martins (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Esse artigo buscou entender o desenvolvimento do mobiliário brasileiro durante a ditadura militar e quais foram os principais designers brasileiros. A pesquisa avaliou se o período da ditadura influenciou o design de mobiliário brasileiro. Para tanto foi importante pesquisar os estilos vigentes na época no mundo e no Brasil e entender o contexto e características do regime militar no Brasil. Foram escolhidos autores como: Schneider (2010) discorre sobre a crise da boa forma no mundo. Kehl (2005) para contextualizar os cenários políticos, sociais e das artes. Para entender sobre a eclosão da ditadura militar foi elencado Gaspari (2014). Santos (2015) e Cara (2010) foram importantes para compreender o desenvolvimento do mobiliário e a profissão do designer no Brasil. Foi realizada visita ao Museu da Casa Brasileira para registro e análise do acervo. Posteriormente ocorreu levantamento dos principais designers da época e da sua produção de mobiliário. Como resultado da análise, percebeu-se que o design de mobiliário seguiu por duas vertentes durante as décadas estudadas e que não houve influência da ditadura militar nas características formais do móvel.

Palavras-chave: design de mobiliário, móvel brasileiro, ditadura militar

ABSTRACT

This article aimed to understand how Brazilian furniture has developed through the military dictatorship and who were the main Brazilian designers. The research sought to evaluate if the military dictatorship influenced the furniture design. Thus, it was important to understand this period current styles worldwide and in Brazil and also to understand the military dictatorship context and characteristics. Were selected authors such as Schneider (2010), that discusses the *bel design* crisis worldwide. Kehl (2005) was of main importance to help contextualizing political, social and art scenarios. To understand more about the outbreak of the military dictatorship, Gaspari (2014) was selected. Santos (2015) and Cara (2010) were important to understand how the Brazilian furniture development and design profession were, respectively. A visit was carried out in the Brazilian House Museum to see the furniture acquis and register it. Posteriorly, the main designers were selected as well as its furniture production. As a result of the analysis, it was understood that the furniture design followed two paths during the studied period and that there was no influence of the military dictatorship on the furniture characteristics.

Keywords: furniture design, Brazilian furniture, military dictatorship

1. INTRODUÇÃO

O design de mobiliário brasileiro contemporâneo é reconhecido no mercado. Muitos são os designers que projetam móveis seja para resolver o problema de forma/função ou por seguir a linha conceitual em direção ao design emocional. Apesar do reconhecimento do design de mobiliário brasileiro contemporâneo, é importante estudar sua história, verificando a trajetória, as influências e referências. Segundo Santos (2015) o mobiliário brasileiro teve seu auge e prestígio após a Segunda Guerra Mundial. Foi nessa época que surgiram muitas marcenarias e fábricas que se desenvolveram no período conhecido por desenvolvimentista. Entre os nomes que mais se destacaram no Brasil estão: a Unilabor, Móveis Z, Móvel Branco e Preto, Oca Arquitetura de Interiores entre outros.

Na década de 60 no Brasil ocorreu a efervescência política, cultural e social que cresceu junto ao fortalecimento dos sindicatos em centros urbanos, movimentando reivindicações sociais. Na economia, o Brasil carregava dívidas da era de JK. A televisão adentrava às casas influenciando na transformação de costumes, como padrões de beleza, exaltação do individualismo e consumismo, além de mascarar a realidade (KEHL, 2005). Após o golpe de estado de 1964, nos primeiros anos ditadura, o Brasil foi palco de grande expansão consumista, uma vez que estava sob forte influência dos EUA. Foi uma época de muitos registros de protestos. Protestos inclusive presentes no design.

Na década de 70 a problemática ecológica sobrepôs-se à crítica primária ao capitalismo. O movimento de contracultura americana e design socialmente crítico foram expressos por diversos grupos de design, como Superstudio e Archizoom, além da exposição Italy – The New Domestic Landscape, que projetou o design italiano para o mundo (BURDECK, 2006). “Muitos designers não queriam mais se ver no papel de ‘cúmplices do capital’; eles se recusavam a pôr sua produção a serviço da economia de mercado e do consumo” (SCHNEIDER, 2010, p. 138). Na década de 80 assumiu-se o design emocional, o desejo pelo ornamento, decoração e a presença do kitsch demonstra como “a Boa Forma havia fracassado” (SCHNEIDER, 2010, p. 153).

Durante as décadas de 60, 70 e 80 o mundo e o design se transformaram. Durante este período no Brasil vivia-se o regime de ditadura entre os anos de 1964 a 1985, será que o design de mobiliário brasileiro foi influenciado por esse contexto de repressão? O contexto influenciou os estilos que eclodiram, quais foram as influências no design de mobiliário brasileiro?

A presente pesquisa pretendeu entender como se desenvolveu a produção de mobiliário durante o período de ditadura brasileira. Mesmo sob a ação da censura aos meios de

comunicação e intensa repressão política, ainda assim, sabe-se que a arte se desenvolveu nessa época tão conturbada, e como foi o design?

O objetivo da pesquisa foi verificar se o contexto socioeconômico e político brasileiro do período da ditadura influenciou o desenvolvimento do design de mobiliário brasileiro. Buscou analisar os nomes dos principais designers brasileiros e avaliar se o estilo presente acompanhou a mesma tendência estética das outras partes do mundo.

A pesquisa teve caráter exploratório qualitativo para estudar o desenvolvimento do design de mobiliário brasileiro durante a ditadura militar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa foi constituída de características formais e teóricas com base no levantamento bibliográfico. Examinou-se a complexidade da sociedade no período da ditadura brasileira, aprofundou-se estudos sobre aspectos socioeconômicos políticos e artísticos durante o período da ditadura brasileira com objetivo de entender a sua repercussão no campo do design. Foram consultados os autores:

Gaspari (2014) aborda historicamente a ditadura, e explica como se deu o regime, a criação de delegacias especiais como o DOI-CODI e DOPS, a repressão, os mecanismos de tortura e o uso dessa prática como instrumento de ascensão na carreira.

O livro *Anos 70, Trajetórias* (2006) é um livro composto de relatos de diferentes profissionais atuantes da época, e foi essencial para ajudar a contextualizar os cenários políticos, sociais e das artes no Brasil. Entre os relatos, o de Kehl (2005) coloca que no Brasil o Milagre Econômico enriqueceu a burguesia e proporcionou a expansão da classe média, elevando os padrões de consumo. Em contrapartida, abandonou-se políticas sociais e o índice de educação e habitação baixou. Na arte, o período pós-moderno iniciava-se nos Estados Unidos e Europa, mas o Brasil estava em período de transição com a passagem do modernismo e pós-modernismo.

Para entender o contexto das artes e do design no mundo, Schneider (2010) discorre sobre a Boa Forma presente nos anos 50 ter sido símbolo de qualidade e sobre os impactos que esse estilo teve na sociedade com o desenvolvimento das indústrias no mundo. Posteriormente entendeu-se que foi um engano achar que o estilo do Funcionalismo poderia desenvolver alguma mudança ou exercer influência política. Beat Schneider, professor de História da Cultura e do Design e de Teoria do Design na Escola Superior de Berna comenta que na década de 60 deflagrou a crise do funcionalismo e da boa forma.

Sevcenko (2005) e Risério (2005), autores presentes no livro *Anos 70: Trajetórias* apresentam relatos que ajudaram a entender como se desenvolveu a arte. Comentaram sobre a Tropicália, movimento brasileiro que começou nas artes plásticas, encabeçado por Hélio Oiticica, e que migrou mais tarde para a música com Gilberto Gil. Concluem que este movimento foi importante ao ressignificar elementos brasileiros.

Cara (2010) foi essencial para compreender o papel do designer nos anos 70 e como se desenvolveu a profissão. Coloca que o design industrial ganhou essa nomenclatura no contexto da pós-modernidade, deixando de ser desenho industrial devido à complexidade que a prática tomou.

Para entender o desenvolvimento do design de mobiliário brasileiro, foi imprescindível o estudo de Santos (2015) que realizou o levantamento iconográfico e histórico do móvel brasileiro, bem como a apresentação dos designers da época. A autora coloca que o design de mobiliário começou a se modernizar a partir da demanda dos projetos arquitetônicos para estar em consonância com a arquitetura.

3. METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracterizou-se como sendo de natureza qualitativa e os métodos de pesquisa foram exploratório, descritivo e explicativo. O levantamento bibliográfico foi diversificado, além dos livros citados e trabalhados no referencial teórico, foram coletados também artigos científicos como o de Hugerth (2015) que apresenta a produção de mobiliário da década de 60.

Realizou-se também levantamento de campo com visitas ao Museu da Casa Brasileira, situado na cidade de São Paulo, para analisar a produção do design de mobiliário brasileiro do recorte pesquisado.

Com base nos estudos do referencial teórico foram elaboradas tabelas sínteses (Tabela 1.a e Tabela 1.b), que visam elucidar quais os expoentes do design de mobiliário presentes no Brasil durante as décadas de 60, 70 e 80. Foram levantados os expoentes presentes em cada década.

Após a análise das Tabelas 1.a e Tabela 1.b, foram geradas novas tabelas: as Tabelas 2. Estas, tiveram como objetivo escolher três designers de cada década de acordo com a relevância (produção de design de mobiliário brasileiro); influência no design industrial contemporâneo; inovação em produção, materiais, desenho e significado.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Anos 60 e 70 no Brasil

Em 1960 o contexto foi demarcado pelo cenário de guerra de ideologias, marcado pela Guerra do Vietnã, pelo surgimento de novos ídolos do rock, pelo retorno da liberdade criativa reprimida pelas guerras, e por outros movimentos que levaram à eclosão de movimentos estudantis e manifestações socioculturais, embasadas em forte espírito de mudança. No Brasil o golpe militar ocorreu em 64 como uma forma de fugir do comunismo (DREIFUSS, 2006). Instalou-se a ditadura militar, vigente no país de 64-85. O Ato Institucional nº 5, AI-5 de 68, concede plenos poderes e repressão aos opositores (GASPARI, 2014).

O movimento de Contracultura surgiu com a negação dos valores que eram impostos pela sociedade norte-americana. Nessa época iniciou-se uma revolução comportamental, com movimentos defendendo direitos das mulheres, dos negros, dos homossexuais. No contexto do pós Segunda Guerra Mundial, os EUA se consolidaram enquanto superpotência capitalista perante a destruição da Europa, entretanto, o *American Way of Life* já não era capaz de empolgar a juventude, visto que essa prosperidade não era igual para todos. Foi necessária criatividade para afastar a civilização das guerras imperialistas e de tecnologias que ameaçassem o ser humano” (SCHNEIDER, 2010). Em 70, durante o governo militar brasileiro de Emílio Garrastazu Médici foi repressivo e considerado como uma fase mais “sanguinária” da ditadura. De 69-73 foi o período chamado de O “Milagre Econômico” que proporcionou o aumento do capital e diminuição da inflação.

Os hippies foram parte desse movimento com os lemas “Paz e Amor” e “*Drop Out*”. Estavam muito preocupados em ouvir Janis Joplin, na Revolução Sexual, e “nas praias azuis de Búzios” (RISÉRIO, 2005, p.26). A contracultura marcou o fim dos anos 60 e continuou durante a década de 70. Se mundialmente a década de 70 foi marcada pela crise do petróleo, pelo surgimento da defesa ao meio ambiente e pela democratização da televisão. Dividiu-se na década de 70 em duas fases: a primeira começou em 13/12/68 (HABERT, 2014) com o Ato Institucional 5 (AI-5) que encerrou a década de 60 no país, e a segunda acabou em 28/08/79, com a aprovação da lei da anistia. A AI-5 deu plenos poderes aos militares, sufocou a efervescência urbana, fechou o congresso, prendeu lideranças estudantis e ocultou assassinatos. Assim os anos 60 terminaram (KEHL, 2005).

No cenário político da ditadura a repressão violentou toda a sociedade. Sabe-se que a ditadura brasileira teve como realidade a tortura, utilizada como instrumento investigativo e alimentada pelo pensamento de que “Contra a Pátria não há direitos”. A alegação mentirosa de que a tortura foi praticada em defesa da sociedade e que é instrumento de Estado, não da lei, levou-a para os porões de quase todos os cárceres. Médicos, advogados e empresários

ofereceram serviços em troca de recompensas, e policiais adotaram a prática em troca de reconhecimento ou ascensão de cargo (GASPARI, 2014).

Mesmo com toda essa dura repressão, no âmbito cultural houve a busca da essência da cultura e de uma identidade nacional em oposição a produtos e representações que vinham de fora. O Cinema Novo mostrava a estética da fome de Glauber Rocha. No Rio de Janeiro, desenvolveram-se núcleos de opinião que atualizavam as artes brasileiras com as europeias. Artistas imprimiam slogans antimercadoria, anticonsumista e antiimperialista em garrafas de coca - cola, e mensagens contra a ditadura escritas em notas de dinheiro. Era o momento da arte pop no Brasil (SEVCENKO, 2005).

O artista Hélio Oiticica fez obras artísticas que seguiram em direção à antiarte até o final dos anos 70. Construiu situações abertas de intervenções, criou instalações, uma delas chamada Tropicália (Figura 1), recriando o ambiente tropical e labiríntico, com imagens de plantas, areia e araras invadindo os sentidos, convidando o receptor a participar da obra. A ideia principal seguiu diante da devoração de símbolos, essa ideia remeteu à antropofagia de Oswald de Andrade (SEVCENKO, 2005).



Figura 1. Instalação Tropicália, Hélio Oiticica, 1967. Fonte: Itaú Cultural, 2018

Sua “antiarte ambiental” dialogou tanto com as vanguardas brasileiras quanto com a arte internacional (arte conceitual, dadaísta, construtivista e povera, além dos happenings). Entrou em sintonia com o cinema de Glauber Rocha, com o teatro do Grupo Oficina e com a música de Caetano Veloso e Gilberto Gil. A obra desencadeou o nome do movimento cultural mais amplo, o Tropicalismo. Caetano Veloso compôs “Tropicália” (Figura 1), que se tornou manifesto do seu próprio grupo (ANOS 70, TRAJETÓRIAS, 2006).

Entre outras manifestações artísticas o coletivo 3nós3 composto por Mário Ramiro, Rafael França e Hudinilson Jr, em São Paulo tornou-se referência de arte com intervenções urbanas que caíam na mídia (RAMIRO, 2004). Faziam happenings, pois ao amanhecer as intervenções já estavam desfeitas, e o que restava era apenas uma matéria no jornal. O grupo Nervo Óptico também trabalhou na produção e discussão da arte contemporânea e contexto

cultural em Porto Alegre do ano de 76 a 78. Se posicionavam contra o mercado da arte, que era conduzido por galeristas “belartianos”.

Nos anos 60 e 70 ocorreu no design, o rompimento definitivo com a cultura modernista. O mundo vivia a crise do funcionalismo. As formas simplificadas e a racionalização já não funcionavam mais. O que estava em vigor, na verdade, era o neofuncionalismo com formas tediosas. No contexto mundial essa revolta contra as formas simplificadas começou na Itália, Grã-Bretanha e Alemanha, sendo a primeira a mais influente que se destacou com o Bel Design Italiano, com nomes como Ettore Sotssass, que projetava com cores fortes e formas orgânicas (SCHNEIDER, 2010).

Nesse momento o design apresentou a crítica à sociedade. Composto por pluralismo de formas e conceitos, inspirado nas vanguardas como o Dadaísmo e Surrealismo e fundamentado na recusa do consumo em massa e do uso de materiais prejudiciais ao meio ambiente. No Brasil, no campo da indústria moveleira buscou-se criar uma identidade própria com as primeiras iniciativas de desenvolvimento do móvel moderno. Foram divididas em duas vertentes: empreendimentos que visavam a produção seriada, e empreendimentos que visavam a fabricação artesanal, também chamada de vertente nacionalista (CARA, 2010).

Na segunda metade da década 50 o design industrial no Brasil foi influenciado pelas filiais de multinacionais e pela chegada dos imigrantes, que trouxeram seus conhecimentos na bagagem. Foi nesse contexto que a produção de materiais e a modernização de diversos setores levou à produção e consumo de bens domésticos, como ferro elétrico, painéis de pressão, chuveiro elétrico, entre outros. Os materiais como plástico e a madeira compensada, muito usados nos anos 60, eram produzidos pelas empresas Duratex e Eucatex fundadas nos anos 50. Em 1966 era possível encontrar produções de madeira aglomerada (HUGERTH, 2015).

Se durante os anos 60, a efervescência cultural do país gerou uma originalidade do produto, com receptividade nacional, nos anos 70, os impactos da ditadura foram sentidos no campo de design, pois houve a valorização de áreas técnicas que atenderam às diretrizes do novo governo. Segundo Santos (2015), o móvel atingiu a escala de produção massiva a partir dos anos 70 e 80, com a produção de móveis corporativos para escritórios, bibliotecas, auditórios e museus.

A indústria brasileira atendeu às necessidades do mercado, trouxe para o público o consumo do móvel executado dentro de condições econômicas sociais e industriais, com arte e expressão (SANTOS, 2015). Houve um pluralismo das funções simbólicas do objeto. O design também começou a contribuir em empreendimentos de alta complexidade, como metrô e intervenções urbanísticas em larga escala, “assumindo papel estratégico inexistente

anteriormente” (LEON, 2005, p.16). A partir da década de 70 começou-se a utilizar a nomenclatura de Design Industrial, e no contexto dos pós-modernidade, design era “conjunto da experiência humana construída pelos objetos produzidos” (CARA, 2010, p. 17).

Para compreender melhor a participação dos designers no campo do desenho industrial do período estudado, foram elaboradas as **Tabelas 1a** e **1b** com designers das décadas de 60, 70 e 80 que projetavam e produziam em suas respectivas fábricas. Optou-se por utilizar como recurso gráfico as tabelas para organizar a coleta de dado dos designers, para que posteriormente houvesse a escolha de três “designers – referência” de cada uma das décadas.

Tabela 1a . Designers de mobiliário brasileiros dos anos 60.

Anos 60	
Sérgio Rodrigues – Oca	Geraldo de Barros – Hobjeto
Abel de Barros Lima – Mobília Contemporânea	Jorge Zalszupin - L’Atelier

Fonte: da autora.

Na **Tabela 1.a Designers de mobiliário brasileiros dos anos 60** quatro expoentes brasileiros do design foram levantados, pois tanto a Hobjeto,, em conjunto com a Mobilínea Contemporânea, Oca e L’atelier foram responsáveis “pelas principais mudanças qualitativas e quantitativas ocorridas no móvel moderno brasileiro” (SANTOS, 2015, p.175). Todas essas iniciativas pensavam na racionalização do produto e usaram a indústria para desenvolver e trazer novas tecnologias que puderam ser aplicadas ao design.

Entretanto, entre os quatro nomes apenas Sérgio Rodrigues, Geraldo de Barros e Jorge Zalszupin foram escolhidos para serem estudados mais profundamente porque são designers que trabalharam prioritariamente sozinhos, e sem sociedades com estrangeiros, como foi o caso de Abel de Barros Lima, que era advogado de formação, mas que na Mobilínea Contemporânea trabalhou com Michel Arnoult (arquiteto francês) e Norman Westwater (arquiteto escocês). Também foram escolhidos os três nomes citados acima devido à maior facilidade de encontrar sua produção e obter imagens da mesma tanto em livros quanto na internet.

Sérgio Rodrigues. Arquiteto e designer carioca, teve seu trabalho reconhecido como designer de mobiliário, resgatou a identidade em seus objetos, exaltou a cultura brasileira e indígena. Usava como principais materiais o couro, palhinha e madeira. De todos os designers foi talvez o mais comprometido com valores, formas e padrões da nossa cultura (SANTOS, 2015). Ao se formar em 1952, foi para Curitiba e criou a Móveis Artesanal Paranaense, junto

com os irmãos Hauner, porém não teve sucesso. Em 1955 retornou ao Rio de Janeiro para desenvolver linhas de móveis genuinamente brasileiros do desenho ao material, e fundou a loja OCA. Mais tarde realizou projetos para o Banco Central em Brasília e desenvolveu móveis para produção industrial. Sérgio Rodrigues é uma figura muito importante no campo do design de móveis brasileiro porque antecipou as principais propostas do nacionalismo do móvel (SANTOS, 2015), e as projetou internacionalmente também.

Geraldo de Barros. Geraldo de Barros, artista e integrante de movimentos artísticos e da fotografia experimental, estudou artes gráficas e migrou para o desenho industrial a partir dos anos 50, quando integrante da Unilabor. Destacou-se também pela criação na Hobjecto em 64, além da docência no Instituto de Desenho Industrial (IDI) no fim dos anos 60 e início dos 70.

Jorge Zalszupin. Nascido em Varsóvia, mas naturalizado brasileiro, criou móveis e projetos arquitetônicos elegantes e versáteis. Seus móveis podem ser encontrados em Brasília, como as poltronas amarelas do plenário do Supremo Tribunal ou cadeiras no Itamaraty. No início dos anos 60, devido à falta de mobiliário compatível com a arquitetura, criou a L'Atelier com mais dois sócios, sintonizando seu design de mobiliário com seus projetos arquitetônicos. Trabalhou com injetados (poliestireno) em suas produções, adquiriu os direitos de produção da cadeira Hille e a L'Atelier “foi uma das primeiras empresas a comercializar móvel de plástico” (SANTOS, 2015, p.165), além de se dedicar aos móveis de escritório em série industrializada.

Tabela 1b. Designers de mobiliário brasileiros dos anos 70 e 80

Anos 70/80	
Cláudia Moreira Salles	Irmãos Campana (Humberto e Fernando)
Gerson de Oliveira	Carlos Motta
Mauricio Azeredo	Luciana Martins
Fernando Jaeger	Fulvio Nanni Jr
Nido Campolongo	Etel Carmona
Zanine Caldas	Ricardo Fasanello
Oscar Niemeyer	Francisco Fanucci

Fonte: da autora.

Na **Tabela 1b. Designers de mobiliário brasileiros dos anos 70 e 80** optou-se por juntar os anos 70 e 80 porque a maioria dos designers levantados iniciaram a produção em 70, mas se destacaram em 80, ou tiveram destaque nas duas décadas. Dentre todos os nomes citados foram escolhidos para estudo Oscar Niemeyer, Ricardo Fasanello e Zanine Caldas na década de 70 porque representam nacional e internacionalmente a fase da vertente nacionalista no design brasileiro, com uma produção que resgata elementos culturais brasileiros em formas e em materiais, bem como os designers escolhidos para representar a década de 80. A projeção internacional e reconhecimento dos designers foi crucial para a seleção.

Anos 70

Oscar Niemeyer. Mestre da arquitetura brasileira, Niemeyer não teve sua produção na área do design de mobiliário tão reconhecida como sua produção na arquitetura, mas seu design não deixa de ser icônico. É importante mencionar sua colaboração com o desenho do móvel moderno, uma vez que, embora não quantitativamente significativa, foi importante para “o processo de consolidação do novo móvel” (SANTOS, 2015, p. 89). Produziu junto com sua filha Anna Maria Niemeyer, na década de 70, móveis para dar continuidade à arquitetura, garantindo assim harmonia entre o interno e o externo e mantendo a unidade projetual. Durante sua produção, estudou materiais como madeira colada (usada em cadeiras suecas) e palhinhas para assento e encosto.

Ricardo Fasanello. O designer autodidata nasceu em São Paulo, mas mudou-se para o Rio de Janeiro, estabeleceu-se no ateliê em Santa Teresa, palco para suas experimentações com materiais sintéticos como resina, poliéster e fibra de vidro, o que não era muito usado na época para produção de mobiliário. Combinava novos materiais com materiais tradicionais, por exemplo couro, ferro e madeira. Em seus desenhos explorava formas geométricas orgânicas, combinou a estética brasileira com sofisticação e criatividade. Em 75, fez o projeto de interiores e móveis para a sede do jornal O Estado de São Paulo. Seu ateliê segue aberto até hoje, mesmo depois da sua morte, fazendo manutenção de mobiliário e comercializando as poltronas do designer.

Zanine Caldas. Foi um arquiteto baiano reconhecido internacionalmente e que se destacou por explorar as potencialidades construtivas e qualidades plásticas das madeiras brasileiras (ZANINE, 2018). Participou da Móveis Artísticos Z na década de 60, que foi uma alavanca para introdução do móvel moderno nos lares brasileiros. Com o fim da Móveis Z viajou pela América Latina e África, e assim que retornou se mudou para Nova Viçosa, onde estabeleceu uma oficina para retomar tradições do artesanato local e ligar-se mais às técnicas caboclas. Em 70, produziu, segundo Santos (2015 p. 153) os chamados “móveis denúncia”,

que continham críticas à devastação que a madeira vinha sofrendo no Brasil, e logo em 1980 fundou no Rio de Janeiro o Centro de Desenvolvimento das Aplicações de Madeira (DAM), que serviu para pesquisar usos da madeira e evitar desmatamentos. Foi uma figura influente e importante na vertente nacionalista do design, por explorar a madeira e usá-la como uma forma de protesto. Atuou em diferentes vertentes do design, e por isso tem sua produção reconhecida até hoje. Começou a dar maior valor à capacidade expressiva do móvel, e por isso “arquitetou um capítulo importante da história do móvel no Brasil” (SANTOS, 2015, p. 153).

Anos 80

Carlos Motta. O arquiteto paulista começou seu trabalho em 1975, em um ateliê na Vila Madalena, onde desde o começo trabalhou com madeira. Ao terminar a faculdade de arquitetura foi morar na Califórnia para estudar técnicas construtivas da madeira e ferro, e ao voltar para a Vila Madalena, começou a produzir seus móveis em série ou sob encomenda (conceituais ou para colecionadores). É reconhecido pela forma simples com que trata e trabalha a madeira. Afirma que seu objetivo é produzir peças úteis e simples, com conforto e estética. Sua produção é ergonômica, de estética simples e expressiva. Observa-se que segue a vertente nacionalista do design. Defendendo a temática da sustentabilidade, Carlos Motta trabalha com madeiras certificadas, é um dos grandes designers da atualidade, ao revelar “um pouco do espírito brasileiro de morar, da própria casa brasileira e inclusive reinterpreta lições (...) principalmente de Joaquim Tenreiro e Sérgio Rodrigues” (SANTOS, 2015, p. 219).

Fulvio Nanni Jr. Formado em Desenho Industrial no Mackenzie, Fulvio foi um dos precursores do design autoral no Brasil nos anos 80 (BLUMEL, 2016). A partir de 1981 manteve a Nanni Movelaria, na Rua Augusta, onde produziu grande variedade de mobiliário, inclusive peças como a poltrona Sand e a cadeira Raio 23. Segundo o diretor técnico de MCB, Giancarlo Latorraca, “(...) Fulvio foi pioneiro ao introduzir padrões estéticos alinhados com as propostas do nascente pós-modernismo. Sua produção explorou a diversidade das madeiras locais, promoveu a fusão de novos materiais industrializados (...)”, e destaca a Nanni Movelaria como um avanço “no campo do design local, traçando novos caminhos (...), tanto no modelo de produção e comércio, como em soluções e tipologias do móvel contemporâneo” (LATORRACA, 2005, apud BRASILEIRA, 2018, s/p). Sua produção é artesanal e de alta qualidade, visto que coordenava todos os processos de perto. Misturou novos materiais com os já conhecidos, e investiu em pesquisa, portanto contribuindo muito para o design industrial brasileiro.

Maurício Azeredo. Formado em Arquitetura no Mackenzie, Azeredo é um grande pesquisador de madeiras brasileiras, tecnologias e sistemas construtivos que facilitem seu aproveitamento (SANTOS, 2015) e adota, em suas produções, um modelo de produção artesanal. Em seu ateliê em Pirenópolis, GO, geralmente produz peças com tiragem limitada, com a colaboração de marceneiros da região. Em 83 desenvolveu um encaixe chamado “Junta Tridimensional”, que dispensa uso de parafusos e pregos. Além do encaixe patenteado, foi responsável pelo “processamento de pelo menos 39 espécies de madeiras brasileiras” (GAMA, 1999, s/p). Azeredo ganhou o prêmio do MCB com o banco Ressaquinha em 88, junto com a mesa Ubá. Portanto, contribuiu para o campo do design, no uso e estudo da madeira e sua aplicação no mobiliário. Usou materiais nacionais e contribuiu para o design da vertente nacionalista.

As tabelas são recursos gráficos que foram utilizadas com o intuito de organizar a coleta de dados dos designers que poderiam ser referência em cada uma das décadas. Após o levantamento e estudo dos expoentes das décadas de 60, 70 e 80 com a produção das **Tabelas 1.a e 1.b**, que sintetizam a produção do design mobiliário no Brasil, buscou-se elaborar as **Tabelas 2**, uma representação imagética do mobiliário dos designers escolhidos das décadas de 60 e 70 e 80.

Para cada década então foram elaboradas as **Tabelas 2.a, Tabela 2.b e Tabela 2.c**, respectivamente, contendo a imagem de um mobiliário de cada designer levantado, junto com a análise das características desse móvel e seu contexto. A escolha dos móveis que representam cada designer de cada década foi baseada na: - Influência no design industrial contemporâneo (se ainda continua uma referência para o design contemporâneo ou se é um “clássico do mobiliário”); e na Inovação em produção, materiais, desenho e significado.

Tabela 2.a Representação imagética do mobiliário dos designers das décadas de 60

Poltrona Mole, Sérgio Rodrigues	Conjunto de poltronas, Geraldo de Barros	Cadeira triangular, Jorge Zalszupin
		

Fonte: da autora.

A Poltrona Mole surgiu da vontade de criar algo que expressasse a identidade nacional, questionando projetos minimalistas. Mudou padrões tanto no ato de sentar quanto no projeto. Quando foi produzida em 1957 foi um fracasso em vendas. Entretanto, Rodrigues

fez algumas modificações, alterando o nome da peça para Sheriff e enviou para o Concurso Internacional do Móvel em Cantù, na Itália, onde ganhou o prêmio. Em 61 e começou a ser produzida também por uma empresa italiana (CONTAIFER, 2014). Um dos critérios para vencer o concurso era a regionalidade, e no relatório foi colocado que a Mole era “o único modelo com características atuais, apesar da estrutura com tratamento convencional, não influenciado por modismos e absolutamente representativo da região de origem” (RODRIGUES 1999 apud SANTOS, 2014, p. 181). Trabalhou com uma estética personalizada com uso de materiais típicos brasileiros e com móveis com proporções maiores. Segundo o próprio Sérgio Rodrigues, “na época, eu tinha na cabeça a ideia de fazer uma peça (...) que não fosse uma cama nem um colchão, mas bem confortável” (RODRIGUES 1999 apud CONTAIFER, 2014, s/p). Pode ser tanto um objeto para sentar quanto um objeto de arte. É informal, é confortável e descontraído. Sua estrutura, inclusive as percintas de couro “estabelecem certa filiação formal com as tradicionais redes, elemento representativo de nossa cultura” (SANTOS, 2015, p. 181).

Em contrapartida, as poltronas da Hobjecto de Geraldo de Barros apresentam uma simplicidade formal que remete ao funcionalismo, a produção em série. Segundo Santos (2015), um móvel produzido em série é aquele feito em grandes lotes com o uso de máquinas e que rejeita a “obsolescência do produto” (SANTOS, 2015, p. 189), permanecendo no mercado. A Hobjecto apresenta poltrona funcional, mas inova com a introdução do acabamento laqueado e com o estofado colorido (SIMONELLI, 2016).

A cadeira triangular de Jorge Zalszupin aponta como referência estética Lina Bo Bardi. Tem como referência a cultura popular brasileira, “em especial as redes de barcos de navegação do Rio São Francisco” (ETEL, 2018, s/p). A mistura de materiais traz maior plasticidade para a obra, que carrega um valor semântico. Portanto, observa-se novamente resgate da cultura brasileira, que se traduz no móvel em formas e em materiais. A produção não foi em escala, pois priorizou-se a semântica do objeto. É mais um exemplo que seguiu nessa época em direção à vertente nacionalista do design, ou seja, não priorizou a racionalização e produção em série.

Tabela 2.b Representação imagética do mobiliário dos designers das décadas de 70

Espreguiçadeira Rio, Oscar Niemeyer	Namoradeira, Zanine Caldas	Poltrona Gaiivota, Ricardo Fasanello
-------------------------------------	----------------------------	--------------------------------------



Fonte: da autora.

A década de 70 no Brasil foi um período de discussão sobre a arte e design, época impulsionada pela vertente nacionalista, principalmente no design de Niemeyer e de Zanine com relação as peças: Espreguiçadeira Rio e Namoradeira.

A Espreguiçadeira Rio tem formas orgânicas, características do Niemeyer, que se enquadra na vertente nacionalista do design, porque combina materiais como a palhinha e o acolchoado para encostar a cabeça, e suas cores trazem sofisticação para o móvel, que pode exercer o papel de espreguiçadeira ou de objeto de arte. O formato da espreguiçadeira induz a um sentar mais despojado, dando a impressão de conforto.

A poltrona Namoradeira, de Zanine Caldas, compõe sua produção artesanal durante a década de 70; é um “móvel denúncia” (SANTOS, 2015, p. 153). O mobiliário é feito de madeira maciça com referências do artesanato popular. O móvel é despojado e bem executado, com grande valor semântico referente à madeira e seus usos. Zanine teve sua produção da década de 70 na vertente nacionalista do design, explorando potencialidades plásticas e construtivas das madeiras nacionais, ao contrário do que produzia na década de 50 na móveis Z, onde desenhava de acordo com a lógica industrial.

Na poltrona Gaivota, observa-se que o desenho é mais geometrizado. O amplo domínio técnico que Fasanello tinha sobre os materiais que usava permitiu uma combinação que resultou em uma estética brasileira sofisticada e atemporal. Sua produção é manufaturada, mas não tão exclusiva quanto a produção de Zanine. A característica de Fasanello é harmonizar contrastes. Portanto, observa-se na década de 70 grande produção do mobiliário na vertente nacionalista, bem como a preocupação com o meio ambiente, temática que ganha força nessa década e continua em voga nas seguintes.

Tabela 2.c Representação imagética do mobiliário dos designers das décadas de 80

Cadeira São Paulo, Carlos Motta	Banco Ressaquinha, Maurício Azeredo	Poltrona Sand, Fulvio Nanni Júnior
------------------------------------	--	---------------------------------------



Fonte: da autora.

A década de 80 foi muito importante para o design brasileiro, porque foi nesse período que o chamado design autoral ganhou força no Brasil. A madeira nacional e a marcenaria estavam presentes na produção do móvel brasileiro em contraposição à decoração da época, que contava com muita cor, principalmente no design italiano. Os três designers escolhidos para representar a década produzem design autoral. Até hoje o design autoral, ou design assinado, é sinônimo de móvel especial, “com canais de venda e faixa de clientela próprios” (SANTOS, 2015, p. 207). O autor não se omite durante a produção.

A Cadeira São Paulo tem um conceito simples, com um espaldar espetado no banquinho, é fabricada em madeira certificada e ganhou diversas premiações. É uma referência do design brasileiro pela simplicidade formal e pelo uso de materiais nacionais, além da sua qualidade ergonômica e plástica. Com esse objeto Carlos Mota participou de várias exposições internacionais.

O Banco Ressaquinha de Mauricio Azeredo, ganhador da 3ª edição do Prêmio MCB, também é feito de madeira com sistema de encaixe malhete. O nome Ressaquinha conecta as significações do contraste das cores das madeiras brasileiras, da forma orgânica de seu assento, do despojamento da cultura brasileira. As qualidades plásticas são conferidas pelas texturas e cores, por explorar os aspectos cromáticos e texturas da madeira ao juntar e justapô-las. Como Azeredo coloca, quis “incorporar ao móvel (...) uma dimensão plástica, artística, emocional que havia desaparecido com a dominância dos conceitos do racionalismo internacional” (BRASILEIRA, 2018). Sua criação busca uma releitura contemporânea do banco, mobiliário presente na nossa história desde as ocas indígenas. Busca expressões que representem como cultura, o que é surpreendente e poético, assim como os encaixes ou as combinações das madeiras (EGAS, 2005).

Fulvio Nanni Junior foi destaque da geração de profissionais que nos anos 70 e 80 inventaram formas novas de ocupar o espaço reduzido da casa. Usada tanto para moradia quanto para trabalho, a Poltrona Sand de 1989 é sinônimo de conforto, descontração e praticidade. Mistura materiais - madeira maciça e um almofadão de espuma – em desenho simples, livre da rigidez formal que não segue os antigos moldes funcionalistas. Fulvio foi pioneiro ao introduzir padrões estéticos alinhados com as propostas do nascente pós-

modernismo, principalmente superando o rigor geométrico moderno buscando novas formas de se sentar.

Observa-se que as três obras usam madeira, um material nacional, bem como seguem a produção artesanal com exceção de Carlos Motta, que produz em série algumas peças. As obras conseguem traduzir o Brasil com formas e materiais, por isso tem uma dimensão simbólica. Entretanto, é importante reforçar que a produção dos anos 80 foi muito plural, com produção em série, assinada e de móveis institucionais, que continuou ganhando força desde os anos 60 e cresceu significativamente em 70, entre outros. Foram escolhidas peças de design autoral pela projeção que tiveram, nacional e internacionalmente, levando o design brasileiro a ser mais reconhecido e autêntico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi importante estudar a evolução e desenvolvimento do design de mobiliário brasileiro durante o regime de ditadura, a presente pesquisa apresentou o desenvolvimento da produção de mobiliário durante este período, e concluiu que mesmo sob a ação da censura aos meios de comunicação e intensa repressão política, ainda assim a arte assumiu muitos aspectos da identidade brasileira. O contexto da ditadura e da repressão não influenciou diretamente o desenvolvimento do design de mobiliário brasileiro, mas foi durante este período que a indústria moveleira cresceu, pois passaram a utilizar novas estratégias competitivas com a adoção de um padrão de fabricação focado no mercado mundial. O estilo acompanhou parcialmente as tendências estéticas de outras partes do mundo, mas durante as décadas de 70 e 80 o design de mobiliário foi impulsionado pela vertente nacionalista, tanto pela presença de matérias primas, quanto na busca da releitura de mobiliário presente na história dos artefatos brasileiros e na busca de expressões que representem nossa cultura.

O design seguiu diferentes rumos: a produção seriada e a produção artesanal, com formatos de linhas de mobiliário especiais ou de móvel autoral. São Paulo e Rio de Janeiro detiveram grande parte dos empreendimentos que levaram à modernização do mobiliário. Esse foi impulsionado pela necessidade de preencher o interior dos novos espaços, de forma que fosse coerente com a arquitetura.

O contexto dos anos 60 influenciou a arte, mas não a arquitetura e o design ao ponto de causar mudanças significativas. A produção em série focava no consumidor popular, e o design seguiu um estilo nacional, mesmo absorvendo tendências externas, pois essas tendências foram enriquecidas com elementos nativos. Assim, o móvel começou a

corresponder melhor às nossas condições e necessidades, ficou mais expressivo e mais brasileiro.

A geração de designers dos anos 60 foi responsável pelas mudanças qualitativas e quantitativas no móvel moderno brasileiro, pois as experiências de desenho e execução levaram certa maturidade ao design, que começou a ter projeção internacional.

Tanto na década de 60 como nas de 70 e 80 a indústria atendeu as necessidades do mercado. Com a produção em série ou com o design autoral, designers de mobiliários destacaram-se no Brasil e conseguiram dominar todo o ciclo produtivo industrial. Durante essas décadas o móvel moderno atingiu uma escala de produção massiva. Na década de 80 encontramos o design que se utiliza mais da tecnologia no mobiliário e nas matérias primas. Esteticamente, há a presença do funcionalismo assim como a função simbólica do móvel, o racional e o intuitivo, o que gerou novos caminhos para o design atual.

6. REFERÊNCIAS

ANOS 70, TRAJETÓRIAS. São Paulo: iluminuras: Itaú Cultural, 2006 em: Disponível < . <https://books.google.com.br/books?id=Zqhwp92lgBgC&printsec=frontcover&dq=referencias+livro+Anos+70:+trajet%C3%B3rias&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiWx5iJkJbfAhXBk5AKHRRqBasQ6AEIKTAA#v=onepage&q=referencias%20livro%20Anos%2070%3A%20trajet%C3%B3rias&f=false>>. Acesso em: 28 de mar. 2018

BLUMEL, Patrícia. **Anos 80: Surge o Design Assinado**. Habitus Brasil, 2016. Disponível em: <<https://habitusbrasil.com/anos-80-surge-o-design-assinado/>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

BRASILEIRA, Museu da Casa (Org.). **Mesa Ubá e Banco Ressaquinha**. 2018. Disponível em: <<http://www.mcb.org.br/pt-BR/produtos/mesa-uba-e-banco-ressaquinha>>. Acesso em: 16 maio 2018.

BRASILEIRA, Museu da Casa (Org.). **Painel expositivo e mostra | Pioneiros do design brasileiro**: Fulvio Nanni e Nanni Movelaria. 2018. Disponível em: <<http://www.mcb.org.br/pt-BR/programacao/exposicoes/painel-expositivo-e-mostra-pioneiros-do-design-brasileiro-fulvio-nanni-e-nanni-movelaria>>. Acesso em: 16 maio 2018.

BURDECK, B. E. **História, teoria e prática do design de produtos**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

CARA, Milene. **Do Desenho industrial ao design no Brasil**: uma bibliografia para a disciplina. São Paulo: Blücher, 2010.

CONTAIFER, Juliana. **Conheça a poltrona molenga que ganhou o mundo**. Estado de Minas, 2014. Disponível em: <https://estadodeminas.lugarcerto.com.br/app/noticia/show-room/2014/01/13/interna_showroom,47797/conheca-a-poltrona-molenga-que-ganhou-o-mundo.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2018.

DREIFUSS, Rene Armand. **1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 2006.

EGAS, Olga. **Maurício Azeredo: uma obra sem avesso**. Instituto Arte na Escola. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2005.

ETEL, Design. **Coleção: Poltronas**. Etel design, 2018. Disponível em: <<http://etel.design/product/poltrona-triangular>>. Acesso em 04 abr. 2018.

GASPARI, Elio. **As ilusões armadas**. 2. A ditadura escancarada. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GAMA, Mara. **Masp revela o engenho de Azeredo**. Folha de São Paulo Acontece, 1999. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac08039901.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

HABERT, Nadine. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. Paulo: Ática, 2014

HUGERTH, M. W. **Mobilínea design de um estilo de vida (1959-1975)**. São Paulo, 2015.

KEHL, M. R. **As duas décadas dos anos 70**. In: Anos 70: Trajet ggtf órias. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2005.

LEON, Ethel. **Design brasileiro quem fez quem faz**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2005.

RAMIRO, Mário. **Coletivo 3Nós3 é referência para artes nas ruas**. Folha de São Paulo Ilustrada, 2004. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2302200414.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

RISÉRIO, Antonio. **Duas ou três coisas sobre a contracultura no Brasil**. In: Anos 70: Trajetórias. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2005.

RODRIGUES, Sérgio. S.t., **texto inédito**. Rio de Janeiro, p.6. In: Móvel moderno no Brasil. 2. ed. São Paulo: Editora Olhares, 2015.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Móvel moderno no brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Olhares, 2015.

SIMONELLI, Nádia. **A alma concretista de Geraldo de Barros na arte e no design**. Casa Cláudia, 2016. Disponível em: <<https://casaclaudia.abril.com.br/moveis-acessorios/a-alma-concretista-de-geraldo-de-barros-na-arte-e-no-design/>> Acesso em 15 de mar. 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **Configurando os anos 70: A imaginação no poder e a arte nas ruas**. Anos 70, Trajetórias. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2005.

SCHNEIDER, Beat. **Design, uma introdução**. O design no contexto social, cultural e econômico. 1. Ed. Edgard Blucher, 2010.

ZANINE Caldas. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa25335/zanine-caldas>>. Acesso em: 28 de mar. 2018.

Contatos: juliananunesxavier1@gmail.com e narasilvia.martins@mackenzie.br